

missão falida,

diz uma nota escrita a meia distância entre dois fragmentos de desenho feitos em Cruzeiro do Sul, no Acre. O que queria dizer, ou melhor, o que queria lembrar o artista-feito-viajante Virgílio Neto quando escreveu essas palavras? Impossível saber ao certo, pois é da própria natureza de sua produção acumular peças pequenas e independentes entre si em um mesmo suporte de papel que gradualmente se converte no mapeamento das ideias tidas ao longo de um determinado intervalo de tempo, num certo lugar, com um estado de espírito particular. Virgílio Neto realizou centenas de papéis como esse, os quais, apesar da afinidade com a prática cartográfica, estão mais próximos dos rabiscados e confusos portulanos empregados pelos navegadores para tomar nota de seus percursos do que das páginas simplificadas e estáticas dos atlas escolares.

Ainda assim, é de nosso feitio procurar sentidos e narrativas em todos os eventos que encontramos. Por que não fazê-lo com uma nota tomada no calor úmido de uma pequena grande cidade (apenas 80 mil habitantes e a segunda maior do Estado do Acre) e, ainda por cima, nomeada em homenagem a uma constelação que pode ser vista apenas do Hemisfério Sul do planeta? A conquista do interior do país é uma promessa tão antiga quanto seu “descobrimento”, fruto do pressuposto de que nenhuma civilização autóctone deveria partir dali, mas, antes, deveria ser implantada pela onda de ocupação colonial que transbordaria da orla do Oceano Atlântico e escoaria pelo Centro-Oeste e Norte brasileiros. Nessa história, a Floresta Amazônica, suas porções de água e mata, sempre foram mais resistentes que o Cerrado. No lugar da imensidão de um céu sem obstáculos, encontrava-se um cheio sem clareiras. Se havia a expectativa de construir um espelho das metrópoles europeias no coração da selva, o interior do Acre representa o limite de uma falência anunciada.

Cruzeiro do Sul, a constelação, é uma das metáforas para o plano piloto de Brasília, cidade onde o goiano Virgílio Neto formou-se como artista. Cruzeiro do Sul, a cidade, é um território avesso à cidade planejada modernista. Assim, mesmo que involuntariamente, o deslocamento do artista para o norte efetivou uma metáfora de falência da razão, da lógica e do cálculo modernos. Missão falida.

Dizem, nas outras partes do Brasil, que Brasília é uma cidade que torna difícil para seus habitantes a criação de lastros de pertencimento e presença. Pode ser assim para os turistas que estranham a condensada sintaxe da cidade. A produção de Virgílio revela algo um pouco diferente: o plano de Brasília projetou-se dentro dele e é carregado por aí, tornando-o, sempre e de forma inalienável, um estrangeiro que necessita de atalhos – desenhados – para ligar-se aos novos lugares que habita.

A tentativa que está em jogo na exposição Ausente Presente consiste em destacar os momentos em que a condição de viajante do artista funciona como método protocientífico de conexão com os lugares, seus territórios e culturas, sempre tendo como diapasão o sentido de anotação e do desenho de traços curtos, canetas, tintas, lápis e papéis variados de Virgílio. Berlim (Alemanha), Banff (Canadá) e a já citada Cruzeiro do Sul são as três imagens invertidas de Brasília que foram percorridas e anotadas. Dessas, foi a mais recente que propiciou o entendimento e a formação do conjunto. Aos pés da Tunnel Mountain, em Banff, Virgílio Neto notou a imensidão do abismo de estranhamento que sua presença percorria ao desenhar. Natural que seja assim, que a última parada esclareça ao viajante qual a jornada que vinha realizando, sobretudo quando se trata da inusitada cultura canadense abraçada pela lembrança constante de uma paisagem massiva e potencialmente hostil ao corpo que não sabe percorrê-la.

Diante do conjunto aqui exposto, o olhar escorre de um rio a uma cobra, de agrupamentos de pessoas a montanhas, da colisão dos corpos de dois atletas ao interior de um museu – ênfases variadas no mar de imagens dos desenhos, que são selecionados e dispostos de forma a sugerir tipologias, análises e sínteses. Ao invés da atitude de deriva do pensamento e do olhar, que é facilmente associada aos desenhos-mapas de Virgílio Neto, foi adotada a postura atenta e pausada dos pesquisadores. Mas, cuidado, isso não significa que o desenho dispersivo e fragmentário do artista se entregue por completo às diretrizes da edição aplicada sobre ele. Seu traço é inconstante demais para tanto. A lacuna entre as palavras e os desenhos é demasiado evidente para que possa ser ignorada. E, mais importante, a ocupação do papel e a densidade dos traços e campos de cor são sempre tributárias de uma atenção intuitiva para a composição do desenho, o que não deixa as imagens decantarem em alguma forma de objetividade científica. Que o olhar possa, portanto, navegar entre as ilhas de imagens e atracar em suas narrativas, sem deixar, contudo, de desconfiar de toda a certeza sobre suas afirmações tipológicas – como, de resto, deveria fazer com todas as coisas.

PAULO MIYADA
Setembro 2013

Texto pela ocasião da exposição *Ausente Presente*, Funarte Brasília, 2013.